

## *O monge e os judeus: dois momentos das relações judaico-cristãs em De vita sua<sup>1</sup>, a autobiografia de Guiberto de Nogent*

CARLILE LANZIERI JÚNIOR<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo

### Introdução

Desde o início da Idade Média, os judeus estabeleceram-se no seio da cristandade. Por manterem rituais religiosos e práticas cotidianas diferentes do mundo cristianizado, eles acabaram tornando-se alvos vulneráveis a diversos tipos de ataques (Richards, 1995:95). A convivência entre cristãos e judeus era um fato consumado, mas os últimos sempre foram vistos como intrusos e suas tradições religiosas eram consideradas superstições, por não aceitarem a interpretação cristológica do Velho Testamento (Abulafia, 2002:39-40).

A violência dos cristãos contra os judeus começou a intensificar-se no século XI, quando a cristandade mergulhou em um forte sentimento de expansionismo religioso (Richards, 1995:97). Aqueles que seguiam outras religiões transformaram-se em adversários que deveriam ser convertidos ou abatidos. A partir daquele momento histórico, a atitude dos cristãos ganhou os primeiros contornos de hostilidade. A imagem de “povo deicida”, que negava a vinda de Jesus Cristo, tornou-se um pesado fardo sobre as costas do judaísmo (Fernández, 2004:295). Essa postura cristã antijudaica do século XI aumentou gradativamente, até se transformar no anti-semitismo do século XIII (Le Goff, 2005:318).

As perseguições contra os judeus começaram nos momentos de maior exaltação das cruzadas (Garcia-Villoslada, 2003:738). Quando os primeiros

exércitos rumaram para o Oriente, após a pregação do papa Urbano II (1040–1099)<sup>3</sup>, em Clermont (1095), comunidades judaicas inteiras foram massacradas pelo caminho. Aqueles que partiram para libertar a Terra Santa julgavam que os judeus eram os responsáveis diretos pela morte de Cristo, além de aliados dos infieis muçulmanos (Richards, 1995:119). Para o cristão que havia tomado a cruz, punir os judeus por tais atos seria uma atividade absolutamente normal e de pleno louvor a Deus.

Diversos teólogos do medievo dedicaram-se a analisar as relações judaico-cristãs, uma temática literária constante por volta de 1100 (Rubenstein, 2002:117). A linha de raciocínio comum a quase todos foi a condenação do judaísmo e das ligações dos seus seguidores com os cristãos. Embora considerados desprovidos de razão, os judeus não eram vistos como heréticos ou apóstatas. Eles conheciam as Escrituras Sagradas e a cristandade, mas eram marginalizados, por se recusarem a acreditar nos dogmas do cristianismo (Zaremska, 2002:127).

O abade beneditino Guiberto de Nogent (c. 1053–1125), em *De vita sua*, obra autobiográfica escrita por volta de 1115 (Duby, 1988:103), contou as histórias de dois homens: o monge Guilherme e o conde Jean de Soissons. Eles não chegaram a se conhecer, mas tinham um ponto em comum: o judaísmo. O primeiro nasceu nessa religião, mas ainda muito jovem acabou convertendo-se ao cristianismo; o segundo, um cristão nobre de nascimento, fez o caminho inverso, blasfemando contra o cristianismo e demonstrando grande interesse pelas práticas judaicas.



Figura 1 – Fragmento da página de abertura do livro *Tropologiae in Prophetis*, do abade Guiberto de Nogent. Na iluminura, o abade está em uma posição de reverência, vestindo uma longa túnica negra e portando em sua mão direita um livro, que oferece a Deus (imagem disponível em Rubenstein, 2002:200).

No momento em que Guiberto decidiu falar desses personagens, ele já era abade do mosteiro de Nogent-sous-Coucy, próximo das cidades de Laon e Soissons, ambas localizadas ao norte do reino da França. Como líder de uma confraria monástica, Guiberto desfrutava de certo convívio social, pois circulava na região, e, em Soissons, conheceu muitos judeus. Essa experiência foi impactante para ele e acabou se refletindo em suas opiniões a respeito dos judeus, expressas no final de *De vita sua* (Rubenstein, 2002:111).

### **Guilherme, o judeu que se tornou cristão**

Quando Guiberto ainda se encontrava recluso como um simples monge no mosteiro Saint-Germer de Fly, conheceu a incrível história de um monge de origem judaica. Em sua tenra infância, esse religioso foi resgatado de um ataque de cavaleiros da Primeira Cruzada (1095-1099) contra um grupo de judeus da cidade de Rouen.<sup>4</sup> Seu benfeitor foi um nobre chamado Guilherme, irmão do conde Henrique d'Eu (Abulafia, 2002:27).

Esse piedoso cavaleiro cruzado enviou a criança para seu castelo, onde ela permaneceu por algum tempo sob os cuidados de sua cunhada, a condessa Helisenda, esposa do conde d'Eu. O pequeno recebeu o mesmo nome do homem que poupou sua vida. Estando em segurança, seu batismo cristão foi devidamente providenciado pelos seus novos responsáveis:

Ela foi conduzida para a fonte e, depois que as orações rituais foram recitadas, as pessoas chegaram ao ponto no qual uma vela foi acesa e cera líquida foi derramada dentro da água. Houve uma gota em particular que traçou um perfeito sinal da cruz na água. Nenhuma mão humana jamais havia conseguido fazer algo do tipo com um pedaço de tal material. (DVS 2, 5)<sup>5</sup>

O pequeno Guilherme foi batizado para ser introduzido e aceito na sociedade e tradição cristãs (Johnson, 2001:228), tornando-se merecedor da salvação de sua alma. O batismo era o sacramento que confirmava a iniciação ao cristianismo, uma espécie de novo nascimento (Fernández, 2004:304). A cruz formada na água pelas gotas de cera derramada prenunciava seu futuro totalmente devotado a sua nova fé. Esse era, de fato, um acontecimento maravilhoso, que antecipava sua vocação fervorosa e uma trajetória marcada pela busca de Deus, contrariando sua natureza judaica.

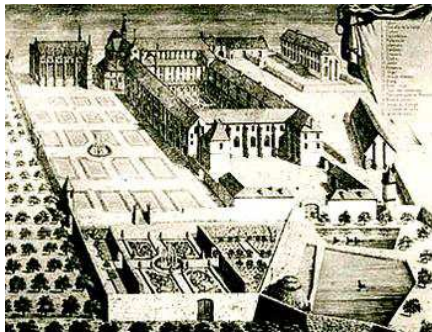


Figura 2 – Gravura do século XVII que mostra uma visão panorâmica de todas as dependências de Saint-Germer-de-Fly. Guiberto tornou-se monge nesse lugar e ali viveu até 1104, ou um pouco depois, quando se transferiu para o mosteiro de Nogent-sous-Coucy, para se tornar abade. Nesse lugar, Guiberto provavelmente conheceu e conviveu com o monge Guilherme (imagem disponível em: [http://catholique-beauvais.ccf.fr/histoire/temoins/St\\_Germer/autrefois.jpg](http://catholique-beauvais.ccf.fr/histoire/temoins/St_Germer/autrefois.jpg)).

Algum tempo depois, o conde Guilherme levou o menino para Saint-Germer de Fly. Ele desejava desviá-lo de qualquer lembrança que pudesse despertar seu judaísmo. Em sua nova morada, aquele jovem demonstrou grande interesse pela religião cristã e por tudo que se relacionava ao divino. Aceitou toda a disciplina imposta no mosteiro e, aos poucos, conquistou o respeito de seus companheiros. Para seu melhor desenvolvimento, um monge mais velho passou a lhe ensinar gramática, a primeira das sete *artes liberales*:

Sendo profundamente religioso, ele pensava que um conhecimento genuíno da lei divina era necessário para a evolução da mente de uma criança. O monge se empenhou em ensiná-la e seus esforços deram frutos. A mente naturalmente limpa do garoto ficava tão afiada a cada dia, que em um lugar conhecido por seu grande número de escolares letrados, ninguém tinha reputação mais luminosa ou mais inteligente que ele. Era um jovem profundamente intuitivo, nunca ciumento ou mal-humorado. (DVS 2,5)<sup>6</sup>

Segundo Guiberto de Nogent, o outrora judeu fazia progressos significativos em seus estudos. Dia a dia, sua mente era conduzida da ignorância ao saber, nutrida por seu professor (Costa, 2003:101-102). Esses excelentes resultados deram ao jovem monge amplo destaque intelectual entre os seus pares.

Mesmo desenvolvendo notória sapiência, Guilherme mantinha-se modesto: humildemente não permitia que seu sucesso escolar lhe subisse à cabeça. Essa pequena passagem citada anteriormente permite-nos perceber como o ensino era valorizado pelos monges medievais. Orando e trabalhando, foram eles os responsáveis pela conservação de boa parte do conhecimento até então produzido pela humanidade (Costa, 2002:118).

Para aumentar o fervor de sua fé já robusta, eu lhe enviei um pequeno livro meu que escrevi há quase quatro anos contra o conde de Soissons, que era um judaizante e herético. Alguém me disse que ele teve um interesse tão intenso por esse livro que piamente começou a imitá-lo ao escrever um pequeno livro defendendo a fé através da razão. (DVS 2,5)<sup>7</sup>

Guiberto explicitava sua admiração por aquele rapaz que, graças à razão proporcionada pelos estudos da fé católica, pôde expandir seu conhecimento da fé cristã. Provavelmente, Guilherme e Guiberto conviveram em Fly antes que o último de lá saísse, em 1104, para se tornar abade do mosteiro de Nogent. Mais provável ainda é que eles tenham tido uma profunda relação de amizade. Isso pode ser confirmado pelo presente que Guiberto lhe remeteu como incentivo: um pequeno livro no qual narrava suas considerações acerca do judaísmo e momentos da vida de um cristão que alimentava simpatia por essa religião e práticas heréticas. Certamente, uma pessoa completamente diferente de Guilherme.

### Jean, o conde judaizante de Soissons

O terceiro livro de *De vita sua* possui um caráter menos pessoal e mais histórico, se comparado aos outros dois livros que a compõem (Rubenstein, 2002:101). Ao longo dos seus vinte capítulos, Guiberto contou, entre outras, a história de Jean, conde de Soissons (†1115). As torpezas desse conde foram uma das últimas ilustrações dos horrores que se seguiram à revolta na comuna de Laon, detalhadamente descrita por Guiberto (Zerner, 2002:507). O nobre citado no livro com o qual o abade presenteou o monge Guilherme era Jean.

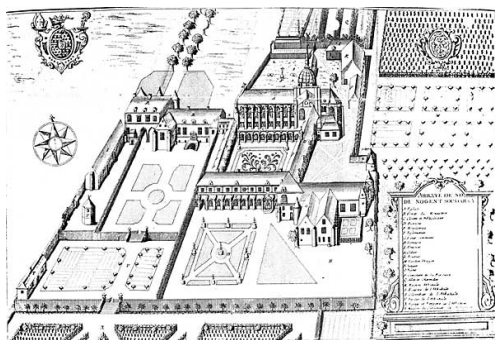


Figura 3 – Gravura do século XVII que representa as dependências da abadia de Nogent-sous-Coucy. Erguida no século XI, essa abadia foi parcialmente destruída durante a Revolução Francesa, vindo totalmente abaixo com os bombardeios da I Guerra Mundial (1914–1918). Guiberto de Nogent foi abade desse local, de 1104 até sua morte, ocorrida pouco depois de 1120. Em Nogent, Guiberto escreveu *De vita sua*. Imagem disponível em: <http://chateau.coucy.free.fr/imgnog/perspnog.jpg>

O conde de Soissons era um homem destacadamente irreligioso, que sempre podia ser visto na companhia de judeus e heréticos (Rubenstein, 2002:104). De acordo com Guiberto, Jean era um grande conhecedor das artes da guerra e procurava a paz apenas quando esta lhe interessava. De seus pais, Guilherme de Busac e Alais, filha do conde Renaud de Soissons, ele herdou todas as maldades e o terrível gosto em promover a ruína da Igreja. Não obstante, o conde foi mais ousado que seus progenitores:

Acatou as falsas crenças de judeus e heréticos, tanto que pessoalmente proferiu blasfêmias contra o Salvador, algo que os judeus sem medo da fé nunca ousaram dizer. O mal com o qual ele fixou sua boca contra o céu poderia ser entendido através de um pequeno livro que escrevi contra ele na demanda do deão Bernardo.<sup>8</sup> Visto que essas são palavras que não podem ser pronunciadas pela boca de um cristão e que os ouvidos dos pios só podem abominar, eu as omiti. Apesar de sua grande estima por eles, os próprios judeus pensaram que ele era insano, pois enquanto dizia que aprovava suas práticas, publicamente seguia as nossas. (DVS 3, 16)<sup>9</sup>

Ao pregar maledicências contra sua própria religião e envolver-se com o que era contrário aos preceitos do cristianismo, Jean foi além do que seus pais haviam feito. Isso muito espantou Guiberto, que se recusou a repetir as blasfêmias ditas por aquele homem. Suas atitudes dúbias diante da comunidade cristã impressionaram até mesmo os judeus, que o consideravam insano.

Esse jogo duplo foi o pior erro que esse nobre poderia ter cometido, erro que, mais tarde, redundaria em sua própria condenação. Para o pensamento então vigente, romper com a unanimidade era um enorme escândalo (Le Goff, 2005:281), mais ainda quando se tratava da própria religião católica.

Em público, Jean demonstrava toda a sua devoção e comportava-se como um cristão comum. Mas era nas conversas íntimas que ele revelava seus verdadeiros objetivos e opiniões. O conde atrevia-se a blasfemar dentro da casa do Senhor até mesmo em dias sagrados como a Páscoa! No diálogo que travou com um clérigo durante as horas da vigília pascal, Jean tratou com grande ironia a ressurreição de Cristo, um dos dogmas sagrados da Igreja, e afirmou estar ali instigado por objetivos puramente sexuais:

No Natal, durante o período pascal e em outros dias sagrados, ele exibia tanta humildade que dificilmente alguém pensaria que era um herético. Em uma véspera de Páscoa, rumou para dentro de uma igreja para a vigília, e solicitou a um pio

clérigo que lhe dissesse algo sobre o mistério daqueles dias. Quando o clérigo explicou como o Senhor havia sofrido e como ressuscitou da morte, o conde replicou: “Tudo isso é fábula e conversa à toa!”. O clérigo respondeu: “Se tudo é fábula e conversa à toa, por que você está em vigília?” “Porque”, ele disse, “eu gosto de ver as belas mulheres que passam a noite aqui.” (DVS 3, 16)<sup>10</sup>

A sociedade cristã considerava os judeus seres privados de razão, por se recusarem a aceitar a verdade das Escrituras (Zaremska, 2002:127). Embora fosse cristão de nascimento, o conde Jean também se recusava a aceitar a verdade do cristianismo. Pior: tratava-a com extremo deboche. Aos ensinamentos católicos, sobrepunha sua luxúria incontida. Diante dos olhos de Guiberto, o que existia de mais abominável nesse nobre, além de sua total incredulidade, era seu comportamento sexual, um traço marcante e desprezível de sua personalidade:

Esse foi um homem que refutou sua jovem e amável esposa para cabriolar<sup>11</sup> com uma feiticeira velha e enrugada. Frequentemente havia na casa de um judeu uma cama preparada para ele e sua velha mulher. Mas ele não restringia sua luxúria a uma mera choupana. Tamanha era a fúria de sua devassidão que ele se atirava sobre essa esqualida mulher em qualquer esquina suja e velha ou em algum cubículo. (DVS 3, 16)<sup>12</sup>

Guiberto não entendia porque Jean havia deixado sua jovem e bela esposa para se envolver com uma mulher muito mais velha e feia. Para o conde, não havia hora nem lugar para satisfazer seus anseios sexuais. Mesmo em locais fétidos e escuros, o que valia era a satisfação de seus impulsos libidinosos.

Para acentuar a torpeza dos costumes de Jean, nessa pequena passagem, Guiberto claramente associa a vida desregrada e pecadora do nobre à imundice, observada nos locais que o nobre frequentava. A associação entre vícios e sujeira foi um traço marcante do imaginário cristão medieval (Zaremska, 2002:129). Lugares sujos e mórbidos eram os cenários mais apropriados ao pecado.

Jean não era capaz de respeitar as épocas adequadas para a relação e a abstenção que a Igreja impunha à atividade sexual. À luxúria, entregava-se sem medo ou preocupação. Com isso, contrariava o objetivo do sexo, isto é, a procriação (Franco Júnior, 1992:83-4). Ao ver do abade Guiberto, um monge defensor da castidade, a vida íntima do conde assumia contornos demoníacos e o aproximava dos judeus, que traziam em si os defeitos da luxúria, do lucro, da glotonaria e das impurezas (Zaremska, 2002:133).



Nos tempos de Guiberto de Nogent, a Igreja dava sinais explícitos de sua preocupação com a sexualidade de seus fiéis, ao empenhar-se na moralização do casamento (Duby, 1988:25). Este seria considerado a “cópula justa” (Le Goff; Truong, 2003:37). Para levar adiante tal proposta, o clero valeu-se de leis e interditos. Paralelamente, os monges acreditavam-se verdadeiros anjos assexuados, que se vangloriavam de sua virgindade, pregando o horror à mácula sexual (Duby, 2001:36). Essas questões seguramente orientaram o pensamento de Guiberto. Jean passava ao largo delas.

Uma vez, ele ordenou a um parasita miserável dormir com sua própria esposa e representá-lo em sua cama com as luzes apagadas. Assim, poderia acusá-la de adultério. Sua esposa imediatamente percebeu pelo tato com o corpo desse homem que ele não era o conde — a pele de seu marido estava coberta com tumores pustulentos — e ela começou a bater nesse biltre com toda força e com a ajuda de suas serviçais. (DVS 3,16)<sup>13</sup>

O nefando nobre tentou induzir sua esposa ao adultério. Guiberto não explicou os motivos que o levaram a tramar e executar tal plano. Possivelmente, Jean estaria tentando livrar-se dela para contrair um novo matrimônio. Mas a jovem conseguiu desvencilhar-se da armadilha, ao perceber que aquele que estava em sua cama não era o esposo. Ela descobriu a farsa ao tocar o impostor e não sentir as feridas que normalmente cobriam a pele de Jean.

Os medievais entendiam que o contato com o mal era capaz de provocar estigmas no pecador (Zaremska, 2002:128). Embora Guiberto nos tenha dado poucas informações a esse respeito, podemos perfeitamente supor que os tumores na pele de Jean eram sinais da lepra, doença simbólica e ideológica na Idade Média (Le Goff, 1994:146). Toda a podridão invisível do interior da alma pecadora desse conde estaria expressa nessas feridas (Schmitt, 2002:259). Mesmo que o conde Jean portasse outro tipo de enfermidade, não temos dúvida de que, em sua narrativa, Guiberto buscava ressaltar a vida sexualmente devassa do nobre.

A ira divina não demorou a abater-se sobre o conde. De acordo com Guiberto, ao voltar de uma expedição, Jean de Soissons foi violentamente atacado por uma multidão de demônios. Mesmo apavorado, ele conseguiu chegar a casa. Na noite daquele mesmo dia, o conde voltou a rejeitar sua esposa, e procurou sua amante velha. Mas, dessa vez, acabou caindo doente. Sua morte tornou-se eminente, como vemos na passagem abaixo:



Ele começou a entrar em pânico e pediu ao clérigo com quem havia passado a vigília da Páscoa para examinar sua urina. O clérigo começou a falar com ele sobre a morte, sobre sua alma e sobre suas libertinagens. O conde disse: “Você acha que vou abrir mão de meu dinheiro para alguns pobres imbecis? Não, digo a você que nenhum *penny*. Eu soube de muitas pessoas muito mais esclarecidas que você que todas as mulheres deveriam ser comuns a todos e que esse é um pecado sem consequência.” Isso foi o que ele disse, e de suas palavras e gestos não havia outra coisa a não ser raiva. (DVS 3, 16)<sup>14</sup>

A doença do conde era um sinal da possessão demoníaca em seu corpo (Schmitt, 2002:260). O pânico que tomou Jean indicava que sua hora estava chegando. O clérigo que o acompanhava apontou os pecados que ele havia cometido. Sem dúvida, esse religioso tentava prepará-lo para uma boa morte, induzindo-o ao arrependimento através de um ato de generosidade aos pobres (Paul, 1988:541). No medievo, a morte cristã implicava recebimento de sacramentos e penitências. Nos casos mais graves, era necessário receber a extrema-unção, pois se acreditava que esta poderia ser a última bênção antes da morte (Fernández, 2004:326).

Jean refutou veementemente a idéia de doar parte de seus domínios. Mesmo moribundo e debilitado, foi incapaz de demonstrar humildade. Ainda que próximo de sua morte, o conde não deixou de ser avaro: seu apego aos bens materiais era mais forte do que qualquer tentativa de arrependimento. Terminava sua história exatamente como sempre fora sua vida: um inimigo incontestado do cristianismo.

### Guiberto de Nogent e o judaísmo

Ao escrever essas histórias, Guiberto já vivia seu abaciado no mosteiro de Nogent-sous-Coucy, situado em uma região de franco desenvolvimento urbano e econômico. Esse era um lugar diferente e surpreendente para uma pessoa havia décadas habituada à tranquilidade que o mosteiro de Saint-Germer de Fly proporcionava. Morar perto de um centro urbano fez Guiberto entender o mundo como um ambiente selvagem e libertino. Sem dúvida, essa experiência promoveu o tom agressivo das últimas obras que escreveu (Rubenstein, 2002:116).

Manter-se no mundo era estar exposto às trevas da desordem, das injustiças e das ignomínias (Paul, 1988:573-4). Duas delas eram o judaísmo e o contato de seus seguidores com os cristãos. Embora Guiberto de Nogent tenha falado

bem de Guilherme, ele assim o fez porque esse homem negou sua estirpe e acolheu o cristianismo. Guiberto condenava o convívio entre judeus e cristãos porque esse convívio poderia desviar os últimos de seu verdadeiro caminho.

A oposição entre espiritual e secular é bem nítida no discurso do abade Guiberto. Para o ele, um reformador convicto que desejava mudar o mundo e a Igreja (Benton, 2002:24), a espiritualidade de um cristão teria seu momento de maior expressão na serenidade de um mosteiro. A solidão meditativa era o acesso à vida verdadeiramente apostólica (Bolton, 1985:25). Falar de Guilherme foi para Guiberto a exaltação da vivência monástica, uma existência harmoniosa e aberta a todos, inclusive aos judeus.

Ao estudar as Escrituras Sagradas, de acordo com a tradição cristã, o judeu que se fez monge conseguiu dar outro sentido a sua vida. Esse não foi o caso do conde Jean de Soissons, que buscou um caminho distinto e tornou-se passível de condenação. Na concepção religiosa do abade Guiberto, o cristianismo era a única referência e fator preponderante para uma pessoa obter a salvação de sua alma. A vida luxuriosa e incrédula do conde era um contraponto ideal à perfeição do mosteiro.

Contudo, não acreditamos que nosso autor estivesse sugerindo a possibilidade de conversão total de todos os judeus. Segundo o que o próprio abade afirmou, Guilherme somente se converteu porque foi, ainda muito jovem, afastado do contato com suas antigas crenças e submetido à disciplina e ao rigor monástico. Assim, a criança recebeu uma espécie de “tratamento de choque”, o qual, definitivamente, ceifou de sua memória qualquer traço de procedência judaica.

Repreendendo a proximidade entre Jean e os supostos assassinos de Cristo, Guiberto também demonstrou sua aversão à modernidade marcada pelo reaquecimento econômico dos séculos XI e XII. Opor-se às relações entre cristãos e judeus era, para o abade, o mesmo que reprovar a realidade econômica do seu tempo e as atividades usurárias mantidas pelos últimos (Abulafia, 2002:37). Para a Igreja, um mundo diferente se mostrava, quebrando tradições e valores e exigindo um novo comportamento por parte de seus membros.

## Conclusão

Muitos medievais acreditaram que a coexistência entre judeus e cristãos poderia conduzir a Igreja à destruição. Diversas pessoas chegaram a crer na formação de um complô judaico contra a cristandade (Kriegel, 2002:46). Guiberto de

Nogent foi um dos representantes desse pensamento. Para o abade, qualquer desvio do cristianismo ou recusa a ele seria passível de reprovação.

A aversão ao comportamento dos cidadãos deu o tom do Terceiro Livro da autobiografia de Guiberto de Nogent, a mesma aversão demonstrada contra o conde Jean de Soissons, um blasfemador que se relacionava amistosamente com judeus. As ligações econômicas que esse nobre estabeleceu com mercadores e usurários judeus do norte da França seriam uma possível justificativa para os seus atos (Abulafia, 2002:27-8).

Durante a Baixa Idade Média, os temores presentes no texto de Guiberto e de muitos autores medievais acabaram fomentando uma série de leis segregacionistas por parte dos líderes da Igreja — a imposição do uso de roupas diferentes, a formação de guetos nas cidades, a proibição de casamentos mistos, etc. O conjunto dessas normas confeccionou um “cordão sanitário imaginário” que tinha o intento de estabelecer uma fronteira que protegeria os fiéis cristãos dos seguidores do judaísmo (Zaremska, 2002:126-8).

Em 1215, o IV Concílio de Latrão, convocado pelo papa Inocêncio III (1198-1216), determinou que os judeus deveriam usar um distintivo amarelo sobre suas roupas, para identificá-los em qualquer lugar onde estivessem.<sup>15</sup> A função desse tipo de lei tinha um fundo étnico e econômico, mas o seu caráter principal era ideológico e social (Pastoureau, 1993:25).

Ao longo de sua história, o cristianismo transformou-se em uma espécie de população hospedeira, que recebeu judeus dentro de suas fronteiras. Sem dúvida, esse foi um contato marcado por idas e vindas. No fim da Idade Média, a cristandade recrudescer sua posição, definindo mais claramente os judeus como párias e estabelecendo limites reforçados por signos diátricos (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998:217). Caminhar por essas fronteiras era entrar na essência da identidade, dos valores culturais cristãos (Zaremska, 2002:133) e de toda uma tradição antijudaica que se formou no âmbito da cristandade, sobretudo a partir do século XII.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Edição crítica: Archambault, Paul J. *A monk's confession: the memoirs of Guibert of Nogent*. [S/l]: Pennsylvania State University Press, 1996 (a tradução para o português é nossa). *De vita sua* é o título dado por autores modernos às memórias autobiográficas de Guiberto de Nogent. O nome original dado pelo abade era *Monodiai*. Manuscritos contemporâneos a Guiberto ou por ele feitos não existem mais. A obra possui, ao todo, 52 capítulos divididos em três livros. Para identificá-la, utilizaremos a sigla DVS seguida de dois números: o primeiro irá se referir ao livro e o segundo ao capítulo de onde a passagem transcrita foi retirada. Para cada uma das passagens traduzidas no

presente artigo, transcrevemos o texto correspondente ao original em latim encontrado em Labande, Edmond-René. *Guibert de Nogent: autobiographie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

<sup>2</sup> Mestrando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), (e-mail: lanzieri@uai.com.br). Orientador: Prof. Dr. Ricardo da Costa.

<sup>3</sup> Nascido em Châtillon-sur-Marne como Odo de Lagery, Urbano II era ex-prior cluniacense adepto do papa Gregório VII (1073–1085). A principal marca de seu pontificado foi sua conclamação da cruzada de reconquista de Terra Santa. Urbano chegou ao papado em 1088. Morreu em 1099, pouco antes de saber da conquista de Jerusalém pelos cruzados.

<sup>4</sup> “A pregação evangélica da Cruzada dava ênfase a Jerusalém, o cenário da Crucificação. Era inevitável que pusesse em destaque o povo em cujas mãos Cristo sofrera. Os muçulmanos eram os atuais inimigos, estavam perseguindo os seguidores de Cristo. No entanto, os judeus, sem dúvida, eram piores, já que haviam perseguido o próprio Cristo.” – Runciman, Steven. *História das cruzadas: a primeira cruzada e a fundação do reino de Jerusalém*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 129.

<sup>5</sup> “Quod cum ille non diffiteretur, - putabat enim se similibus, - accelerato qui baptismatis competit apparatu, itur ad fontem. Cui indito ventum esset, ubi, accenso lumine, liquens in undam cera dimittitur, gutta singulariter ibidem visa est cecidisse, quae per se solam in ipsis aquis adeo accurate sua, ut sic dicam, quantitativa effigiem crucis expressit, ut ex tantilla materie símile quid manu fieri humana non possit.” – Labande, Edmond-René. *Guibert de Nogent: autobiographie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981, p. 248.

<sup>6</sup> “[...] vir plurimum religiosus, considerans novo illi homúnculo necessariam nostrae legis notitiam, ipsi plurius invidiam inadem dedit operam. Adeo namque naturaliter solers ejus quotidie acuminatur ingenium, ut cum ibi literatorum floreat multitudo, major intelligentiae cujuspiam non putetur claritudo. Cum itaque in sentiendo sit multus, invidentia consequenter ac derogatione fit nullus, semper hilaris, et cui specialis constet pudicitiae cultus.” – Labande, *op. cit.*, nota 5, pp. 250-52.

<sup>7</sup> “Ad hunc, ob augendum infractae fidei suae robur, libellum quendam direxi, quem contra Suessorum comitem, judeizantem pariter et haeticum, ante quadriennium ferme scripseram, quem ille, ut audio, tantopere amplectitur, ut de fidei ratione aliqua compilando pie illud opusculum aemuletur.” – *Idem*, p. 252.

<sup>8</sup> Trata-se do livro com o qual Guiberto presenteou Guilherme, o judeu convertido de Saint-Germer de Fly.

<sup>9</sup> “Ipse Judaeorum et haeticorum perfidiam tantopere coluit, ut quod Judaeis metu fidelium impraesumptibile erat, ipse diceret de Salvatore nefaria. Quam male autem in coelum posuerit os suum, intelligi potest ex meo illo libello quem contra ipsum, rogatu Bernardi decani, scripsi. Quae quoniam ori Christiano indicibilia sunt, et piis auribus execrabilerexhorrenda, suprimimus. Cum Judaeos attolleret, a Judaeis pro insano habebatur, dum verbo sectas eorum approbaret, et nostra in promptu sequeretur.” – Labande, *op. cit.*, nota 5, p. 424.

<sup>10</sup> “Et certe in Natali et Passione dominica et in hujusmodi diebus tam humilem se praebebat, ut vix perfidum putarem. Nocte paschali se in ecclesia ad vigilandum contulerat; religioso cuidam clerico ut de mysterio dierum illorum aliqua sibi diceret, suggesterat; qui cum qualiter passus sit dominus, et quomodo resurrexerit, / intimasset, exhibilans comes ait: ‘Ecce fabula, ecce ventus! – Si tu’, inquit, ‘pro vento et fabula quae dixerim habes, quid hic vigilas? – Pulchras’, ait, ‘mulieres, quae istic coexcubant, libenter attendo.’” – Labande, *op. cit.*, nota 5, pp. 424-6.

<sup>11</sup> O verbo “cabriolar” significa o salto dado por bodes. Ao falar dessa maneira, Guiberto estaria fazendo uma alusão ao animal utilizado pelos cristãos para simbolizar o deboche e a teimosia dos judeus. A palavra também seria um recurso utilizado por Guiberto para destacar o caráter animalístico do comportamento de Jean.

<sup>12</sup> “Certe cum conjugem juvenulam speciosam haberet, ea contempta, rugosissimam ita affectabat animum, ut, cum intra domum cujusdam Judaei lectum sibi et illi saepius apparadi faceret, nunquam

tamen stratu cohiberi poterat, sed in aliquem angulum turpem, aut certe intra apothecam aliquam prae furore libidinis se cum illa sordidissima contrudebat.” – Labande, *op. cit.*, p. 426.

<sup>13</sup> “Quid, quod cum uxore sua parasitastrum quendam, extinctis jam nocte lucernis, sub specie sui cubitumire mandavit, ut adulterii sui crimen impingeret! Quae cum non esse comitem ex corporis qualitate sentiret, - erat enim comes foede pruriginosus, - suo quo valuit nisu et pedissequarum auxilio, scurram dure cecidit.” – *Idem*, nota 5, p. 426.

<sup>14</sup> “Cumque anxiari coepisset, predictum clericum, cum quo in vigiliis egerat, super urinarum suarum consideratione consuluit; qui, ei de morte respondens, cum de sua anima et de perpetratis libidinibus eum conveniret, ille intulit: ‘Vis’, inquit, ‘ut leccatoribus, scilicet presbyteris, mea erogem? Ne obolum quidem! A multis discretioribus te didici omnes foeminas debere esse communes, et hoc nullius momenti esse peccatum.’ Dixit, et nihil aliud quam rabiem postea dixit aut fecit.” – *Idem*, nota 5, pp. 427-28.

<sup>15</sup> Inocêncio III esteve na cadeira papal entre 1198 e 1216. Considerado um dos mais fortes e eficientes papas medievais, Inocêncio empenhou-se em separar a Alemanha da Itália e salvaguardar a integridade política de Roma e dos Estados pontifícios.

#### BIBLIOGRAFIA

##### *Fontes primárias*

- Archambault, Paul J. *A monk's confession: the memoirs of Guibert of Nogent*. [s/l]: Pennsylvania State University Press, 1996.
- Benton, John. *Self and society in Medieval France*. Toronto: University of Toronto Press, 2002.
- Labande, Edmond-René. *Guibert de Nogent: autobiographie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

##### *Fontes secundárias*

- Abulafia, Anna Sapir. Theology and the commercial revolution: Guibert of Nogent, St. Anselm and the Jews of Northern France. In: Abulafia, David; Franklin, Michel & Rubin, Miri (ed.). *Church and city 1000–1500: essays in honour of Christopher Brooke*.
- Costa, Ricardo da. A educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para a felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X–XIII). *Dimensões: Revista de História da Ufes, Vitória*, n. 15, p. 99-115, 2003.
- . Cluny, Jerusalém celeste encarnada (séculos X–XX). *Medievalia: textos e estudos*, Porto, vol. 21, p. 115-37, 2002.
- Duby, Georges. *Eva e os padres: damas do século XII*. São Paulo: Cia. das letras, 2001.
- . *O cavaleiro, a mulher e padre*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- García-Villoslada, Ricardo. *Historia de la iglesia católica: edad media (800–1303)*. 6. ed. Madrid: BAC, 2003.
- Fernández, Emilio Mitre (coord.). *Historia del cristianismo: el mundo medieval*. Vol. 2. Madrid: Trotta, 2004.
- Franco Júnior, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- Johnson, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- Kriegel, Maurice. Judeus. Marginais. In: *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Vol. 2. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, pp. 37-53.
- Le Goff, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2005.
- . *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

- & Truong, Nicholas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Lisboa: Teorema, 2003.
- Loyn, Henry R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- Pastoureau, Michel. *O pano do diabo: uma história das listras e dos tecidos listrados*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- Paul, Jacques. *La iglesia e la cultura en occidente (siglos IX-XII): el despertar evangélico y las mentalidades religiosas*. Vol. 2. Barcelona: Labor, 1988.
- Poutignat, Philippe & Streiff-Fenart, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Unesp, 1998.
- Richards, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- Rubenstein, Jay. *Guibert of Nogent: portrait of a Medieval mind*. New York: Routledge, 2002.
- Runciman, Steven. *História das cruzadas: a primeira cruzada e a fundação do Reino de Jerusalém*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- Schmitt, Jean-Claude. Corpo e alma. In: *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Vol. 1. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, pp. 253-67.
- Zaremska, Hanna. Marginais. In: *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Vol. 2. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p. 121-36.
- Zerner, Monique. Heresia. In: *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Vol. 1. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p. 503-21.